

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLARA NÚBIA DE ARAÚJO CAMPOS SILVA

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA



SÃO PAULO
2016

CLARA NÚBIA DE ARAÚJO CAMPOS SILVA

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Martha Helena Teixeira de Souza

SÃO PAULO
2016

Gênero e Diversidade na Escola: Uma discussão necessária

Clara Núbia de Araújo Campos Silva¹
Martha Helena Teixeira de Souza²

¹Pós graduanda pela Universidade federal do Paraná, Setor Litoral – Polo São Paulo; E-mail:
clara.camp@yahoo.com.br

² Orientadora, Professora, Tutora da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral – Polo São Paulo.
E-mail: Marthahs@gmail.com

RESUMO: As questões de gênero e diversidade sexual são assuntos que não têm ganhado voz nos espaços escolares. Na contemporaneidade em que vivemos estes são temas atuais, pelos quais convivemos e precisamos estar atentos a esta diversidade que faz parte dos espaços de convivência, inclusive no ambiente escolar. A resistência para se discutir estes temas na escola se deve provavelmente ao medo das reações adversas da comunidade escolar, provinda de uma sociedade movida pelo preconceito. O presente trabalho pretende inserir o tema gênero e diversidade sexual, em uma discussão com o corpo docente e equipe gestora, promovendo uma forma de conscientização de que se faz necessário inserir essa temática dentro da sala de aula para que de fato, possamos contribuir na construção de uma sociedade sem preconceitos e sem discriminação.

Palavras-chave: escola; diversidade sexual; gênero; preconceito

ABSTRACT: Gender issues and sexual diversity are issues that have not won voice in school spaces. In contemporary times in which we live today these are issues for which we live and we must be attentive to this part of the living spaces including the school environment. Resistance to discuss these subjects in school is probably due to fear of adverse reactions of the school community, coming from a society driven by prejudice. This work intends to enter the area of gender and sexual diversity, in a discussion as faculty and management team, promoting a form of awareness that it is necessary to insert this theme in the classroom so that in fact we can build a society without prejudice and without discrimination.

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos em fazer uma pesquisa com enfoque em uma experiência no espaço escolar nos deparamos com o embate de que não podemos falar de certos assuntos com os nossos alunos em sala de aula. A justificativa para não discutir a questão de gênero na escola é que não podemos trazer assuntos polêmicos para o espaço escolar, pois com isto vamos provocar reações dos pais e que a própria escola não quer se comprometer em responder por projetos que envolvam temas polêmicos como este.

Levando em consideração esta problemática, pensamos em desenvolvermos um trabalho neste âmbito, promovendo debates com o objetivo de levar para o espaço no qual atuamos, a discussão sobre gênero e diversidade despertando em nossos colegas, um olhar diferente para esta questão e talvez uma mudança de postura em diferentes espaços de convivência.

Nestes espaços de convivência, é comum que ocorram comentários sobre homossexualidade, diferença de gênero, preconceito, racismo entre outros temas contemporâneos. Por vezes toma-se como base a religião para tomar posição, ou reporta-se a biologia para tentar explicar alguns conceitos. Dessa forma percebe-se uma tendência ao abordar estes temas sem argumentos que comprovem tais suposições. Na mídia, por exemplo, essa temática vem sendo discutida de forma mais abrangente, trazendo personagens que sofrem preconceito e discriminação por assumir sua identidade de gênero.

De acordo com Dinis (2008), se a visibilidade de formas alternativas de viver a sexualidade, tematizadas pela mídia, impõe certo reconhecimento das causas ligadas às minorias sexuais e de gênero, forçando também a escola a rever padrões normativos que produzem a sexualidade das/dos estudantes, por outro lado também não deixa de acirrar manifestações de grupos mais conservadores.

No entanto no espaço escolar, a questão de gênero é um tema praticamente proibido entre professores, coordenadores e diretores, a nosso ver, um espaço propício para se falar de gênero e diversidade, propondo discussões em sala de aula provendo o respeito, a tolerância e a compreensão às diferenças que está sendo desperdiçado. No entanto há uma barreira composta do medo da

reação dos pais, da omissão às questões de preconceito que precisa ser quebrada. A respeito disso Dinis (2008) ainda discorre:

Estratégias de resistência não implicam simplesmente elevar a quantidade de estudos e de referências à exclusão da homossexualidade na educação à mesma quantidade de estudos e referências dadas às mulheres, mas fazer com que a categoria gênero possa também abrigar na prática este debate, já que no aspecto teórico o comporta necessariamente.

Por trás do ‘verniz’ de tolerância e cordialidade, encontra-se uma série de ideias pré-concebidas sobre determinados grupos sociais, as quais estão na base das atitudes discriminatórias que permeiam as relações travadas no cotidiano (Madureira, 2007). Diante desse cenário, a nossa proposta é trazer este tema para discussão com os nossos colegas professores. A princípio vamos nos colocar na posição de ouvintes para perceber suas posições, conhecer seus critérios de argumentações, a partir da apresentação do que aprendemos no curso de Pós-Graduação- Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. Não pretendemos com isso, provocar mudanças repentinas de opiniões, mas, sobretudo compartilhar aquilo que aprendemos apresentando sugestões de ferramentas que possam fomentar os trabalhos em sala de aula. Dessa forma acredita-se despertarmos incômodos e implantarmos algumas “pulgas” que possam coçar nas mentes de cada um.

De acordo com o modelo tradicional de delegação, a divisão de trabalho educacional entre escola e família dividia-se em: escola responsável pela educação acadêmica, enquanto a família era responsável pela educação doméstica – assim, as professoras não deveriam esperar da família mais do que cuidados físicos e emocionais para que a criança chegasse à escola preparada para aprender o currículo escolar (CARVALHO, 2014).

Ainda segundo o autor acima, este modelo de família vem mudando por causa da tão falada crise familiar, dessa forma divórcios, pais e mães estressados, mães trabalhadoras, mães chefes-de-família sobrecarregadas, falta de tempo (em quantidade e qualidade) para convivência com os/as filhos/as (CARVALHO, 2014).

De acordo com Vianna & Unbehaum (2006) a questão de gênero vem sendo tratada em algumas leis e documentos como, por exemplo, a Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394/96 (Brasil, 1996); o Plano Nacional de Educação (PNE) – Lei n. 10.172/2001 (Brasil, PNE,2001); os

Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, RCNEI, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, PCN, 1997).

Uma vez que entendemos que no espaço escolar, podemos desempenhar um papel social com os nossos alunos, no sentido de promover discussões dentro da sala de aula abrindo espaço para a quebra de paradigmas culturalmente construídos em nossa sociedade, podemos começar a desempenhar este exercício com a equipe docente. Neste sentido Madureira (2009) discorre:

Cabe destacar que preconceitos não são ‘invenções individuais’, mais sim construções coletivas, historicamente situadas. Neste sentido, nas pesquisas voltadas à construção de estratégias de combate aos preconceitos em nossa sociedade – como a homofobia, sexismo, o racismo e o eletismo – devemos considerar a integração entre distintos níveis de análise [...]. (MADUREIRA, 2009, p. 49).

Temos consciência que não será tarefa fácil, pois sabemos que os preconceitos e paradigmas já estão internalizados nas pessoas. E para falar sobre a questão de gênero, implica dialogar com uma série de “valores”, que elas acreditam e praticam.

2. OBJETIVOS

- Proporcionar ampliar os conhecimentos sobre homossexualidade e homofobia no ambiente escolar, visando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.
- Realizar levantamento bibliográfico visando elencar os temas de relevância para minimizar preconceitos em sala de aula;

3. METODOLOGIA

Considerando que este estudo visa proporcionar ampliar os conhecimentos sobre gênero e diversidade sexual no ambiente escolar, buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, a abordagem qualitativa com caráter descritivo, pareceu-nos a mais conveniente.

Conforme Pope e Mays (2009), a pesquisa qualitativa, está relacionada aos significados que as pessoas compreendem este mundo. Proporciona ao pesquisador a possibilidade de tentar compreender a maneira como as pessoas pensam e reagem diante das questões focalizadas, auxilia o investigador a conhecer a dinâmica e a estrutura da situação estudada do ponto de vista de quem a vivencia ajuda a compreender melhor a distância entre o conhecimento e a prática, colabora na compreensão dos sentimentos, valores e atitudes e temores das pessoas, explicando suas ações diante de um problema ou situação (MERIGUI & PRAÇA, 2003).

Fizeram parte do estudo, 20 professores 1 coordenadora e 1 assistente de direção. O grupo foi informado que a participação de cada um seria voluntária e que teriam o direito de se retirar da pesquisa em qualquer fase. Que seria garantido o sigilo dos dados fornecidos e que os resultados do estudo seriam apresentados em eventos e publicados em revistas científicas. A identificação das participantes será feita a partir das iniciais P (para os professores), C (para a coordenadora) e AD (para a assistente de direção).

A pesquisa foi desenvolvida em parceria com o grupo da (JEIF) Jornada Especial de Integral de Formação de uma Escola Municipal de São Paulo, no período de agosto a dezembro de 2016.

4. TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada mediante a técnica de entrevista com questões norteadoras (APÊNDICE A), possibilitando a interação entre pesquisador e sujeitos, favorecendo a contextualização de experiências, vivências, sentidos que contribuíram para esclarecer a problemática da investigação (MINAYO, 2001).

5. MÉTODO DE ANÁLISE

Os resultados foram analisados seguindo as orientações metodológicas de (Minayo 2010) que preconiza os seguintes passos: primeiro, a ordenação dos dados coletados (transcrição, organização dos relatos, leitura e releitura do material); segundo, a classificação dos dados (leitura exaustiva e repetida dos textos, constituição de um ou de vários *corpus* de comunicação se o conjunto das informações não for homogêneo, leitura transversal com o recorte de unidade de registro e enxugamento da classificação por temas mais relevantes); e, terceiro, a análise final (levando em conta os objetivos da pesquisa e os temas que emergiram das entrevistas). Após a concretização deste processo, realizaremos uma discussão dos achados, a aproximação com a literatura já existente e pertinente à temática.

Procuramos reunir os participantes para que pudessem compartilhar as suas experiências, opiniões sobre o tema a ser pesquisado. Os professores mostraram-se dispostos a colaborar com o nosso trabalho, porém para nossa surpresa houve uma professora no grupo que se negou a participar, por motivo religioso.

Optamos a princípio, por levar para o grupo duas questões norteadoras, para abrir a discussão no grupo, as quais foram elaboradas, minuciosamente pensando por um lado, não causar impacto no grupo, no sentido de não polemizar a discussão, e por outro, que essas questões pudessem provocar nos participantes interesse e ao mesmo tempo trazer contribuições importantes para a nossa pesquisa.

Fizemos então as seguintes questões: 1. Em sua opinião, as questões de gênero e orientação sexual devem ser tratadas nos espaços escolares? Questão 2, você acredita que em nossa escola a questão de gênero e orientação sexual é encarada como um assunto com relevância para ser discutido?

Expostos a essas questões os participantes puderam falar, discordar e concordar entre eles, acerca do tema. Com relação à questão 1, uma participante P 1 destaca:

“Sim porque na escola tem que ter respeito ao ser humano, à diversidade. Somente o diálogo e o conhecimento muda o ser humano.”

Respondendo a questão 1, Outro participante P2 enfatiza: “Sim, para quebrar paradigmas, principalmente quem trabalha na escola”. E acrescenta: “O problema é o medo, a falta de apoio, com as consequências que isso nos traz, pois as conversas são distorcidas, alguns assuntos devem ser falados, a gente não pode se omitir, estamos nos transformando em covardes com relação alguns assuntos, como por exemplo, homossexualismo, gravidez, drogas, temas que são alvos de preconceito”. Neste sentido Maia e Biancom (org.), (2014) discorrem:

De acordo com esse entendimento, pensamos que os conhecimentos de relações de gênero, diversidade sexual, sexualidades, heterossexualidade, preconceito e discriminação, igualdade e desigualdades de direitos, direitos humanos, relações ético-raciais, dentre outros, incluídos no currículo da escola são fundamentais na busca de um posicionamento crítico e transformador diante da realidade. (MAIA & BIANCOM, 2014, p. 63)

Vale aqui destacar que ao ficar claro que a discussão seria sobre gênero e diversidade sexual, o professor que recusou a participar da pesquisa, deixou evidente que não participaria em decorrência de sua religião. Já outra P3 sem se reportar ao tema de maneira explícita comenta: “Temos muitos problemas de falta de respeito de ambas as partes, temos muitas vezes que parar e trabalhar o respeito em todos os seguimentos”. Fazendo uma análise destas posições pudemos perceber nas entrelinhas que, para se falar de respeito, não precisamos discutir gênero, diversidade, homossexualidade ou orientação sexual.

Não se trata aqui de fazer uma avaliação de tais posturas, mas, sobretudo em fazer uma análise de como estamos encarando as diferenças inerentes a questões de gênero e diversidade sexual na escola.

Tal postura indica que os professores até querem falar sobre a questão de gênero e orientação sexual em sala de aula, porém não ousam falar abertamente sobre a temática. Isso implica em lançarmos um “novo” olhar para as “novas” práticas e sujeitos na busca de repensar o processo histórico no qual as diferenças se tornam desigualdades (MAIA & BIANCOM, 2014).

Ainda sobre primeira questão uma P4, responde: Sim porque os alunos devem respeitar as pessoas, como indivíduos, não como sua “opção sexual”, saber respeitar as diferenças.

Dando sequência à nossa pesquisa passamos então para a segunda questão. Esta foi elaborada com o objetivo de provocar no grupo uma autoavaliação de suas práticas, acerca de questões que tenham relação com o tema da nossa pesquisa. A nossa intenção foi pensar com o grupo, se estamos nos dando conta que essas questões são emergentes e relevantes para serem discutidas em sala de aula com nossas crianças e adolescentes. A respeito disso, Maia e Biancon (2014), citando Figueiró nos alertam:

[...] O significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmos e das questões da sexualidade, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade, Além disso, queremos formar cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação de valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo.

Exposto à segunda questão o professor P2, desabafou: “Uma vez aqui na escola abri uma discussão em sala de aula sobre gravidez na adolescência e isto causou muita polêmica entre os pais, vieram reclamar de mim na direção, distorcendo o que tinha falado com os meus alunos, isto deu muito que falar. Outra vez houve uma briga na sala entre alunos e um deles era chamado de “bicha”. O mesmo partiu para cima de outro aluno dizendo o seguinte: ‘Eu sou bicha, mas sou homem’. Este fato mudou o meu comportamento com relação a este aluno que até então, não o percebia na sala de aula. A partir de então comecei a enxergar a situação com outros olhos sem preconceito, tomei isto como meta para defender aquele aluno de qualquer tipo de preconceito”.

Desse modo, a visão que tivemos foi que o contato com a temática, está aquém do que achamos que é necessário para promovermos um discurso que pregamos. Além do mais estamos negando o tempo todo que a questão seja debatida na nossa escola em particular.

O curioso é que apesar de alguns professores afirmarem que no espaço escolar não há preconceito sobre a orientação sexual das pessoas, de repente nos deparamos com relatos como este.

Outra professora P5, respondeu à questão: “Acredito que as pessoas são hipócritas, pois temas relacionados à sexualidade sempre foram discutidos na sociedade, não sei por que as pessoas se espantam quando se trata de homossexualidade. Lembro quando saiu aquela música de Roberto Carlos ‘Côncavo e convexo’ que se referia à sexualidade explicitamente e ninguém estranhava. Atualmente com as músicas de funk, que falam de sexo abertamente, também ninguém se espanta com tanta falta de vergonha” .

Já outra professora P6 argumentou: “Não falamos de questões como estas, porque não temos formação para isto, para falar sobre sexualidade, gênero e orientação sexual tem que ser uma pessoa que use formas de falar para que não cause espanto nos alunos”. Neste sentido, Maia e Biancon (2014, p. 92) discorrem:

A necessidade de uma linguagem para se falar sobre sexualidade é sempre um ponto bastante intrigante, inicialmente, sempre há a preocupação por parte dos professores. Alguns docentes afirmam não encontrar a linguagem adequada para utilizar com os alunos.

Os mesmos autores citando Nunes corroboram:

Não temos uma “linguagem” para a sexualidade. Temos sim, de um lado, linguagem tradicional, depreciativa. Estereotipada. Estigmatizada, frequentemente de baixo nível; e, de outro, a linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la...(MAIA & BIANCON, 2014, p. 92).

Por outro lado, para Machado o quadro de docentes da licenciatura não teve formação sobre as questões de gênero e diversidade e defende que esta questão seja um componente curricular específico nas licenciaturas, ou seja, ao passo que esta temática se tornar obrigatória na formação inicial docente, teremos profissionais preparados para realizar tal abordagem em qual quer nível de ensino. (MACHADO, 2015, p.128)

A opinião e posicionamento dos participantes só confirmam aquilo o que falávamos no início da pesquisa, acerca dos medos e dos enfrentamentos dentro dos espaços escolares, quando se trata de temas polêmicos, que despertam diferentes reações preconceituosas, e a estes conflitos, a escola não quer se submeter.

Desse modo, a visão que tivemos foi que o contato com a temática, está aquém do que achamos que é necessário para promovermos um discurso que pregamos. Além do mais estamos negando o tempo todo que a questão seja debatida na nossa escola em particular.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi inserir na nossa escola um debate sobre gênero e diversidade sexual. A princípio pensamos em fazer esta pesquisa envolvendo o corpo discente, mas a proposta não foi aceita pela escola que argumentou que teria que enfrentar reações adversas dos pais, uma vez que esta instituição de ensino está inserida em uma comunidade que se declara religiosa.

Aceita a proposta de discussão com os professores fizemos uma pesquisa qualitativa, tendo a entrevista como ponto chave, para colher dados para a análise e relação com as literaturas existentes sobre o tema.

Tivemos a oportunidade de dialogar como os nossos colegas de maneira franca, discutindo a questão de gênero e diversidade sexual, e muitos deles em conversas individuais apresentaram opiniões contrárias à inclusão da questão de gênero e diversidade na escola. Alguns deles acreditam que a escola não deve incentivar seus alunos à homossexualidade, ao fim da família tradicional homem/mulher. Outros me diziam que a escola deveria sim falar de respeito a todo ser humano e que para falar sobre este valor não há necessidade de citar, por exemplo, homossexualismo.

Já durante a realização da discussão em grupo, alguns professores se calaram, não quiseram opinar, enquanto outros tiveram uma posição favorável à discussão sobre gênero e diversidade na escola, argumentando que dessa forma os alunos passarão ter mais respeito, compreenderão mais o seu próximo e que o respeito independe da orientação sexual do indivíduo.

Dialogamos ainda com autores que falam sobre gênero, diversidade sexual na escola, os quais nos ajudaram na construção desse trabalho.

A impressão que tivemos é que o trabalho não termina por aqui. Este foi o começo de um debate que a nosso ver se faz necessário na escola, pois é dentro dela que vivenciamos diversas reações de uma sociedade extremamente preconceituosa. “Só conhecimento muda o ser humano” (fala de uma professora).

7. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, por ter nos dado a sabedoria para que pudéssemos fazer as leituras necessárias para a produção deste trabalho. À nossa orientadora Martha, pelo acompanhamento. E de modo especial a todos os nossos colegas da EMEF João Ribeiro de Barros que colaboraram para a realização da pesquisa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e Preconceito na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. **Modos de educação, Gênero e Relações Escola-Família** - Universidade Federal da Paraíba, 2004.

EDUCAÇÃO, Ministério Da. **Cadernos Secad 4. Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**- Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília, 2007.

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008.

MACHADO, Maria Lúcia Büher. **Por um Currículo sem Parênteses: o lugar das discussões de gênero na organização curricular das licenciaturas**. Rio de Janeiro, 1ª Edição – 2015.

MAIA, Jorge Sobral da Silva. BIANCON, Matheus Luiz. (Orgs.) - **Educação das relações de gênero e em sexualidade: reflexões contemporâneas**. 1 ed.,

Curitiba– Appris – 2014.

OHIRA, Lourdes Blatt; DAVOK, Delsi Fries. **Caminhos do TCC... Roteiro para elaboração de projeto de pesquisa.** Universidade do Estado de Santa Catarina.

RIBEIRO, Leonídio. **Ciência homossexualismo e endocrinologia.** Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental - vol.13 nº 3 - São Paulo - Sept – 2010.

VIANA, Claudia. UNBEHAUM, Sandra. **Gênero na Educação Básica: Quem se Importa? Uma Análise de Documentos de Políticas Públicas no Brasil.** Educ. Soc. Campinas, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTÕES EM GRUPOS.....14

APÊNDICE A – QUESTÕES EM GRUPO

1. Em sua opinião, as questões de gênero e orientação sexual devem ser tratadas nos espaços escolares?

2, Você acredita que em nossa escola q questão de gênero e orientação sexual é encarada como um assunto com relevância para ser discutido?